

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 920

Terça-feira, 22 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5339-0

Officinas de Impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A polícia proibiu ontem uma reunião operária de protesto contra as calúnias dos reaccionários. A reunião não agradeu às zelosas autoridades republicanas. Porquê?

## A FALÊNCIA ESCANDALOSA DO ESTADO

### A QUEBRA FRAUDULENTA DOS ESTADISTAS

Uma falência é a declaração de insolvência, de incapacidade para exercer uma função, cargo ou encargo, de incompetência para alcançar um alvo, uma finalidade, é o reconhecimento de impotência para realizar uma tarefa, um empreendimento, a respectiva missão.

Essa insolvência, essa incapacidade, essa incompetência, essa impotência podem resultar apenas da natureza, da essência da própria substância ou tecido do órgão, que, por inaptação, incongruência ou fraqueza ou quaisquer outras condições intrínsecas ou extrínsecas, mas naturais, tornam ineluctável a sua acção.

Neste caso a falência é meramente *casual*: deriva unicamente das circunstâncias naturais, da matéria das coisas. Um indivíduo que se abata a executar uma obra que está acima e além das suas forças, do seu saber ou das suas aptidões, das suas possibilidades materiais, esse indivíduo falha *casualmente*, por circunstâncias alheias à sua vontade.

Um indivíduo que pretende realizar uma obra, fora do momento histórico, que o meio ambiente contraria e destrói num antagonismo de vida ou de morte, esse indivíduo ainda falha *casualmente*, por circunstâncias alheias à sua vontade, — e, muito embora essa vontade ou energia fosse imprevidente, ela não foi contudo desonesta.

Um indivíduo, porém, que não realiza a sua obra, não por falta alheia à sua pessoa ou por lhe finguirem condições propícias e favoráveis, mas, sim, por negligência, incuria, desleixo, abandono, então, a sua falência deve ser considerada de *culposa* e o seu autor merece o desprêzo que deve recair em todos aqueles que previamam.

Se, porém, ao abandono, ao desleixo, à incuria, se junta o propósito, o intuito de aproveitar das circunstâncias ou ocasiões — as ocasiões fazem os ladrões — para lesar outrem ou lucrar a qualquer preço, por meio próprio exclusivo ou dalguns dos seus cúmplices na convivência do dolo, do suborno, da peita, da burla, então há crime, há fraude e a quebra deve ser classificada de *fraudulenta*.

O Estado é prejudicial à sociedade; deve ser substituído pelos órgãos e organismos espontâneos e naturais do super-organismo social, isto é, pela sistematização sindicalista libertária.

O Estado, — essa engrenagem política, conjunto de todos os poderes autoritários duma sociedade incapaz de consciência e de solidariedade social, incapaz de emancipação e de liberdade, — o Estado, diziamos nós, tem tido várias atribuições ou fins, conforme a época e conforme a preponderância das doutrinas filosóficas-sociais das diferentes escolas político-económicas.

Para uns, o Estado é tudo. Nêle deve estar concentrada e regulada toda a actividade social; ele deve intervir em tudo e por tudo na produção, circulação, consumo e distribuição das utilidades, na constituição da família, nas obras da estética e da mentalidade humana, estabelecendo a censura e arrojando a si as qualidades de crítica de arte e de ciência, na moral, na justiça, na política.

Ele é tiranicamente onipotente, dogmáticamente onisciente; é o Estado-providência; é a panacea das panaceias. Elevado à sua quintessência, transmuta-se no socialismo autoritário à Schille.

Para outros, o Estado tem uma feição menos assombadora. As suas atribuições reduzem-se a garantir a conservação dos poderes e a posse destes pelos partidos políticos. Ele é o mantenedor hipotético da ordem política. É o Estado político dos liberais e da escola económica dos fisiocratas que tinham por fórmula: *laissez faire, laissez passer*. Doutrina esta, que permite toda a casta de abusos e que sob a misteriosa e enigmática frase: *razão de Estado*, comete toda a espécie de despotismo, como igualmente o fazem os partidários do Estado-Providência.

Para outros, o Estado é apenas uma instituição, um invólucro artificial das sociedades autoritárias e tende a desaparecer, mais tarde ou mais cedo, por desnecessário, e, até, por prejudicial, desde que ele sobreviva à sua época e às condições sociais que o criaram e o suportaram.

Negam, pela prova dos factos, a sua acção coordenadora: a longo de coordenar as actividades sociais no sentido do bem geral, lisonjeia e protege privilegiadamente uns contra outros.

Condenam a sua existência inútil, proclamando a sua eliminação e substituição por órgãos essencialmente naturais e libertários que desempenhem funções coordenadoras em vez de *poderes* coercitivos e violentos, — órgãos que correspondem à criação espontânea de agregados sociais, baseados na satisfação das necessidades económicas, isto é, sindicatos profissionais e uniões e confederações de sindicatos.

A bancarrota do Estado é a bancarrota da burguesia! Os estadistas que o servem ou são burlões confessos ou nêscios e estúpidos que a verdade do mando corrompe e ensandece.

Quem tem razão? Evidentemente estes últimos. O Estado falhou. O Estado falhou estrondosamente, acarreando na sua bancarrota todos os estadistas que o servem, toda a burguesia que o sustenta e se sustenta dele, — e que podem ser considerados e classificados como autores de quebra fraudulenta. E se não... Vejamos!

É escusado ir muito longe, para demonstrar que a intervenção do Estado na vida social não é eficaz e que se alguma vez, à força, pela violência das armas, consegue alcançar o que pretende, é sempre por isso mesmo de pouca duração: a acção continuada da força física o poder que a exerce gera a reacção que a há de aniquilar e destruir!

É escusado procurar muito: todos os actos do intervencionismo do Estado, provam por si mesmos a sua impotência.

Por agora basta como exemplo o problema das subsistências, da carstia da vida.

As medidas tomadas, decretadas, legisladas pelo Estado

e seus estadistas nada têm feito senão aumentar os preços que a cada hora se tornam mais gravosos, fazendo da existência uma tortura, um suplício!

Pois bem! A ineficácia dessas medidas está provada, é evidente. O Estado não tem podido, quer vencendo quer convencendo, que as suas medidas sirvam para alguma coisa de melhor.

E isto, é porque não pôde ou porque não tem querido, e não tem querido, porque não pôde!

Não há que sair d'esse dilema; e ele conduz logicamente e em última análise à declaração da falência do Estado, qualquer que seja o lado que se aceite.

O Estado — instituição do passado — não está à altura do actual momento histórico e não corresponde às necessidades sociais.

Ora a sua impotência é derivada da sua fraqueza orgânica, da sua inconseqüência, da sua inaptação às circunstâncias naturais criadas e desenvolvidas nas sociedades actuais e neste caso deve classificar-se a falência de casual, ou à sua incapacidade se junta o dolo, a burla, o desleixo, a incuria, a negligência, o abandono, então, a sua falência deve ser considerada de *culposa* e o seu autor merece o desprêzo que deve recair em todos aqueles que previamam.

Se, porém, ao abandono, ao desleixo, à incuria, se junta o propósito, o intuito de aproveitar das circunstâncias ou ocasiões — as ocasiões fazem os ladrões — para lesar outrem ou lucrar a qualquer preço, por meio próprio exclusivo ou dalguns dos seus cúmplices na convivência do dolo, do suborno, da peita, da burla, então há crime, há fraude e a quebra deve ser classificada de *fraudulenta*.

Ora o que salta à vista é que o Estado, gerado e tolerado em sociedades simples e rudimentares, é por sua própria natureza impotente para resolver os complexos problemas das sociedades modernas, cujas necessidades, cada vez mais intensas, exigem órgãos e organismos muito mais complexos e adaptáveis à casuística das circunstâncias de coordenação complicada da grande indústria. O Estado, com o seu rígido, cristalizado, misonicista maquinismo autoritário, opõe-se a isso.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

Ora o que é evidente é que o Estado, — instituição do passado — não está à altura do momento histórico da actual vida humana, não corresponde às necessidades sociais. Onde e quando intervém, só serve para desorganizar, desperdiçar, estabelecer a discórdia, a intriga, a confusão, e nada consegue de útil. É proverbial: tudo onde põe a mão desanda, pára, ou desaparece na asfixia do seu maquinismo.

## DO MUNDO NOVO

### Novas da Rússia soviética

Contra a burocracia

A aplicação da nova política económica provocou a revisão do pessoal de todas as administrações. Esta revisão prossegue com energia. Em dezasseis instituições soviéticas de Petrogrado o pessoal de 74.000 empregados foi reduzido a 54.000 pessoas. A redução foi pois de 27%. Em certos casos as reduções atingiram 60% do efectivo total do pessoal.

O «Trust» do Metal-Sul

As experiências realizadas pelo Estado Comunista no domínio da organização industrial são já numerosas e fecundas em ensinamentos. As que se efectuam actualmente, produzindo em cada dia resultados tangíveis, parecem destinadas a um belo sucesso.

Devastado pela guerra, pelas epidemias e pela fome, o Donetz industrial resuscita. A sua produção hulleira atingiu em Outubro 36 milhões de puds.

A indústria metalúrgica do Sul da Rússia resuscita igualmente — embora condenada pelos mais competentes especialistas (de origem burguesa) entrados ao serviço do poder dos soviéticos. As três poderosas oficinas metalúrgicas de Petrovsk, de Makovsk e de Yuzovsk formam neste momento o trust do Metal-Sul (Iugometal) provido duma larga autonomia económica e duma

crédito de doze milhões de rublos-ouro. Está assegurado o abastecimento em trigo da região do trust. Em Setembro último, nas oficinas de Petrovsk, certas categorias de trabalhadores chegaram a ultrapassar a média do trabalho de 1914. Os operários auferem, em virtude da aplicação das novas tarifas, salários suficientes para compensar um dispêndio máximo de energia. A fábrica de Yuzovsk foi provida por sua iniciativa duma exploração agrícola comunista que dispõe de 4.000 hectares de terreno.

O rápido renascimento do Sul da Rússia terá um alcance económico muito considerável. Em tempo de paz, as fábricas que formam hoje o trust do Metal-Sul chegam a produzir mensalmente cinquenta milhões de puds de metal trabalhado.

A sua organização coincide com a extinção do banditismo na Ucrânia e os seus primeiros sucessos são sinais inegáveis da reconstrução da Ucrânia industrial.

Uma amnistia

O Conselho Central Pan-russo dos Soviéticos concedeu uma amnistia incondicional a todos os soldados dos antigos exércitos brancos desejosos de trabalhar pacificamente na reorganização económica do país. O acto de amnistia considera-os como tendo sido induzidos em erro, enganados ou vítimas da violência moral dos governos reaccionários.

Esta amnistia não deixará de perturbar os miseráveis resíduos dos exércitos brancos internados em Galipoli nas piores condições e em tais disposições de espírito que o Estado Maior de Wrangel viu recentemente forçado a mandar fusilar um coronel que se permitiu expender opiniões elogiosas sobre a organização técnica do exército vermelho.

Um decreto acaba de alargar a amnistia a todas as categorias de condenados de direito comum, que beneficiam de importantes reduções de pena, e a um grande número de inimigos políticos do governo dos Soviéticos, que foram imediatamente libertados.

Uma reforma importante

O sistema métrico será introduzido na Rússia a partir de 1 de Janeiro de 1922. O metro e o quilômetro substituirão as antigas medidas (o archine e o funi). Com a do calendário e com a da ortografia é esta a terceira grande reforma científica do governo dos Soviéticos.

Estão já publicados os resultados do último recenseamento da

R. S. F. S. R. (20 de Agosto de 1921).

A população total da República dos Soviéticos (compreendendo o Cáucaso, o Turkestan e a Ucrânia) é de 130.707.600 almas, havendo de população urbana 21.252.600 (ou seja 16%), e de população rural 109.455.000 (83%); crianças de menos de 16 anos, 59.958.200 (ou seja 45,5%) das quais pertencem à população urbana 7.050.900 (11,9%) e à dos campos 52.937.300 (88,1%).

O número de operários eleva-se a 4.755.000 (3,9%), repartidos da forma seguinte: indústria, 2.250.000 (59,5%), transportes terrestres, 1.215.000 (32,1%), transportes marítimos ou fluviais, 315.000 (8,3%). Os operários agrícolas são em número de 393.700 (5,7%) e os que se empregam na pequena indústria 517.400 (8,5%).

A alimentação comunal abrange as seguintes categorias da população: doentes 225.000; convalescentes 200.000; comissariado do interior 69.000; comissariado da justiça, (não se trata de funcionários mas de pessoas a cargo do comissariado, principalmente detidos), 85.000; estudantes mobilizados, 70.000; operários de fábricas, 71.000; mães e crianças de tenra idade, 15.000. São em número de 527.000 as mães auxiliadas pela comuna.

O número de crianças alimentadas pelo Estado eleva-se a:

Crianças de 1 a 3 anos (comissariado da saúde pública) 134.000; de 4 a 7 anos (Instrução Pública), 411.300; nas casas de repouso do Comissariado da Instrução Pública, com menos de 16 anos, 115.000;

nas escolas de primeiro grau,

## Ainda o descarrilamento

Os ferroviários do Sul e Sueste realizam sessões de protesto

O anunciado comício de protesto contra o abominável atentado de 9 do corrente, promovido pelo Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, no Barreiro, não se pôde realizar, devido ao mau tempo.

A assistência debandou em direcção ao sindicato dos corticeiros, onde se realizou uma sessão de protesto.

Presidiu Gregório Matos, secretário do por José Mauricio da Costa e Arnaldo Valverde.

Miguel Correia, que usou da palavra em primeiro lugar, falou largamente do atentado ao comboio do Algarve, criticando severamente os seus autores. Aludiu à reacção que ameaça subverter as liberdades conquistadas, afirmando que a classe operária se deve preparar para a repulsa.

Jerônimo de Sousa, delegado da C. G. T., afirmou a solidariedade do organismo central pelos ferroviários.

Combate violentamente todas as tiranias e declara que a classe operária não está disposta a suportá-las. Para isso é preciso que ela se prepare para se defender. Os conservadores estão preparando



Página escolhida

Do sindicalismo

O grande mérito do sindicalismo é o de corresponder mais às exigências práticas, objectivas, do que às visões, a um sistema de ideias de algumas pessoas, dum grupo de homens, dum partido; é o de se confundir com a prática e com a realidade. O sindicalismo é, antes de tudo, pragmático: é simultaneamente teoria e prática.

No sindicalismo, a teoria e a prática não se separam, não se contradizem; formam uma unidade perfeita. O sindicalismo não pertence aos anarquistas, como não pertence aos socialistas, nem aos republicanos. O sindicalismo pertence aos sindicalistas. É necessário, pois, recorrer-se a eles, e não às opiniões de algumas pessoas, para se estabelecerem conclusões. Ora, os sindicalistas, que são realistas objectivos, que existem, que têm uma estrutura, uma direcção bem determinada. É necessário que as nossas convicções intelectuais resultem da observação dos sindicatos e da vida interior que neles se desenvolve. Por consequência, o observador, na análise objectiva e científica da realidade, deve estar isento de qualquer a priori, de qualquer preconceito filosófico e político. Dissemos que o sindicalismo é, antes de tudo, pragmático e que se impõe por si mesmo, como um facto independente, acima e contra as convicções, intelectuais e todos os sistemas políticos formados a priori. O esquematismo mental, a rigidez teórica, o sistema doutrinal não deveriam hesitar um só momento em desaparecer, se os factos observados estivessem em oposição com a ideia preconcebida. É preciso que o homem político comece a proceder desta maneira, se não quer opor-se inutilmente à irresistível corrente das coisas. São os factos que se encarregam de educar os homens. Parece-me que os anarquistas não querem ainda persuadir-se desta verdade extremamente simples e extremamente evidente.

S. PANUNZIO

Arsenal da Marinha

Tendo a Comissão de Melhoramentos pedido para que o adiantamento que, anualmente, costuma ser concedido ao pessoal fosse até à importância de 45 dias de vencimento certo e respectiva subvenção, em vez de 120 dias de salário fixo, foi esse pedido atendido, tendo a Ordem da 3.ª Direcção Geral publicado o respectivo regulamento.

Os indivíduos que desejarem lhes seja concedido o empréstimo devem requerer até às 17 horas do dia 25 do corrente.

O Director das Construções Navais já informou sobre os pedidos da Comissão de Melhoramentos que constam de aumento de subvenção, melhoria das condições de reforma, amnistia aos camaradas atingidos pelo artigo 161 das Alterações ao Regulamento (não aceitação de justificação de faltas) e 80 dias de licença graciosa para os operários, vistos as outras classes já usufruírem semelhante regalia e a exemplo do concedido para o Arsenal do Exército a quem os arsenistas de marinha estão equiparados em vencimentos e disposições disciplinares.

Operários das Obras do Estado

Convidam-se todos os camaradas da Construção Civil, sem distinção de classes, que trabalham nas obras do Estado, para hoje ao largo do trabalho reúnem na sede da Federação, a fim da comissão dar conta dos seus trabalhos sobre o aumento de salários e resolver as demarches a realizar, pela forma indicada como os salários foram pagos em várias secções, o que não corresponde às reclamações feitas.

Associação do Registo Civil

Realiza-se hoje, das 10 às 11 horas, a consulta médica dirigida pelo sr. médico assistente dr. Rosado Baptista que tem dignamente se prestou a dirigir esta consulta.

Os doentes têm a vantagem de avia-rem o seu recetário nas farmácias que entenderem.

Amanhã realiza-se a consulta médica das 10 às 17 horas dirigida pelo clínico sr. Silva Martins, especialista de clínica geral.

Todas as consultas médicas, realizam-se sempre na sede da Associação do Registo Civil, Largo do Intendente, 45, 1.º

COLISEU DOS RECREIOS

Grande sucesso dos notáveis excêntricos

HORNBECK BROS

tantas, e foi aprovada uma moção idêntica à que foi apresentada na sessão do Barreiro, e outra de protesto contra a concessão da mina de Santa Suzana ao capitalista Manuel Vicente Ribeiro.

A sessão de Evora

Em vez do comício público, cuja realização a chuva impediu, teve lugar uma sessão pública na sede da U. S. O. Falarão Carlos Freire, Ludgero Cigarrito, António Maria, Joaquim Candeira, Joaquim Nogueira e Francisco Zorro. Foram apresentadas e aprovadas por aclamação duas moções, sendo uma de protesto contra o nefando atentado e outra contra a escandalosa concessão da mina de Santa Suzana ao capitalista Manuel Vicente Ribeiro.

Uma carta do Seixal

Para dar uns esclarecimentos sobre uma carta que nos enviou, pedimos ao camarada Francisco da Cunha, carpinteiro naval, para comparecer nesta redacção em qualquer dia, depois das 20 e meia horas,

DOS LIVROS e DOS AUTORES

«A Novela Vermelha» — «O processo dos Távoras» — «Amor e Fantasias»

«Impossível Redenção» — novela por Augusto Machado

Chama-se *Impossível Redenção* a novela que Augusto Machado escreveu e que é o número 5 da série da *Novela Vermelha*.

Despretensiosamente, ingenuamente, quasi, um pouco à maneira dos romances folhetins, Augusto Machado fez a sua novela dum pequeno diálogo entre um moço apaixonado e idealista e uma pobre rameira, casualmente encontrados num passeio qualquer, através dum molhe-cais.

Ele explica-lhe que é um revoltado, desce pequeno sem mãe, numa infância descurada, sentindo todos os efeitos dum péssima organização social; ela conta-lhe a história da sua perdição, os amores com um homem que era o amante de sua mãe, o que a obriga a abandonar a casa, descendo até cair naquela vida.

O moço idealista lança teorias tendentes a fazer regressar aquela alma à pureza dum vida sem mácula, fazendo-lhe acreditar na redenção, aconselhando-a a redimir-se, bem como as suas companheiras, pelo seu próprio esforço.

Mas ela duvida dessa redenção: — nenhum homem, ele próprio tão bom e diferente dos outros homens, teria coragem de lutar com os preconceitos e de levanta-la do lodo.

O jovem idealista, enquanto a sua amiga desce, entrega-se à dor, pensando que tal resolução não é possível dentro duma organização social que inutiliza as mais belas energias dispostas a encerrar a crítica.

Augusto Machado fez uma obra de ternura, de bondade, mas incompleta; poderia rematar a sua novela arrastando a mulher a prostituição pelas mãos do revoltado, que se sacrificaria à crítica alvar, em vez de se deixar cair sobre os escombros dos preconceitos miseráveis.

Como propaganda era mais alto e não inverosímil — eu conheço casos desses.

Técnicamente, nem sempre acho bem a novela — parece-me algo forçada a questão religiosa, e suponho demasiado filosófico aquele diálogo à beira-mar com uma rapariga banal, por uma linha tarde azul.

Mas o autor dá uma exacta psicologia quando analisa a sociedade, observa bem certos detalhes e, especialmente, tem uma intenção superiormente moral que muito enobrece a sua obra, o que muito me interessou pela bondade, pela dor, pela ância de perfeição que revela — pela tragédia do irremediável que resume.

«A Escola de Nun'Alvares», novela por Cristiano Lima

Cristiano Lima é o moço autor que subverte penúltima novela vermelha publicada, a que ele chamou *A Escola de Nun'Alvares*.

Journalista combativo, moçoide ativa e superiormente vincada, este Cristiano Lima é dos mais inteligentes da moderna geração revolucionária.

Tem vinte anos, apareceu há meia dúzia de meses, mas surgiu com uma cultura literária que muitos velhos não têm e com qualidades de independência que dão uma bela expressividade moral em qualquer campo de acção em que o indivíduo se revele.

Esta sua novela é a mais rubra da série publicada, a mais combativa, a que mais directamente visa os fins da literatura revolucionária, a... mais vermelha. Combate o militarismo e a religião — não os insulta, analisa-os desassombradamente — critica-os, olhando generalidades.

O personagem principal da novela é um pobre rapaz dum aldeia do norte, educado religiosamente em casa de madrinhas fidalgas, que, abraçando o culto de Nun'Alvares, sonha engrandecer a sua pátria votando-se à causa de Deus e do rei, alistando-se no exército. Moço e ingenuo, alheio à vida da cidade, roça as realidades da caserna, a flor do seu misérrimo queima-se em diversas orgias por onde acamara da toda uma sociedade pantanosa e, alheio à voz amiga dum alma revoltada e boa — única voz amiga que o acorda do erro e o chama à Vida — lá segue até ao cúmulo do relaxamento.

Uma noite surge uma revolta e, num primeiro encontro, ele, o humilde re-

A BATALHA

COZINHA A PORTUGUESA

HOJE E SEMPRE A.P.O.L.O

HOJE E SEMPRE GATO POR LEBRE

A AJUDA A RUSSIA

Lembra-te, trabalhador

Nansen pôde prestar entre outros os seguintes esclarecimentos à Conferência de Bruxelas (Sociedade das Nações):

«A colheita no Canadá foi tão abundante este ano que só esse país poderia exportar o triplo do que é necessário para salvar os famintos da Rússia. Nos Estados Unidos o grão apodrece nos depósitos por falta de compradores. Na Argentina o milho abunda tanto que, não podendo ser vendido, é empregado para o aquecimento das locomotivas. Na América como entre nós há em todos os portos barcos inactivos...»

Durante este tempo, no oriente da Europa, trinta milhões de homens morrem de fome! É preciso encerrar de frente a realidade. Os governos não podem dar cinco milhões de libras esterlinas para salvar esses famintos! Não podem fazer o sacrifício desta soma que cobriria justamente metade das despesas de construção dum couraçado! A América tem trigo em abundância e não dá nada... Mas eu não creio possível que a América assista indiferente a este espectáculo.

Em nome da humanidade, em nome de tudo o que lhes é sagrado, apelo para todos os que têm mulher e filhos para que pensem na morte de milhões de mulheres e crianças. Dirijo-me aos governantes, aos povos do mundo inteiro e clamo por socorros! Socorro enquanto não for demasiado tarde!

Assim falou perante a Sociedade das Nações o grande explorador e sábio norueguês Nansen. Lembra-te, soldado vermelho, operário russo, camponês russo. Lembra-te de que a este apelo da consciência humana responderam os representantes dos estados capitalistas: «Temos muita pena mas não podemos fazer nada!» Depois, reunidos ainda em Bruxelas, depois de terem longamente meditado e discutido, resolveram exigir do governo dos soviets o reconhecimento das dívidas do tsar.

Lembra-te, trabalhador russo, que depois da Conferência de Bruxelas decorreram semanas e semanas sem que os Estados capitalistas fizessem fosse o que fosse para ajudar-te, sem mesmo te darem a conhecer as suas resoluções.

Possam as palavras de Nansen ser ouvidas por toda a terra russa, ouvidas pelos letrados, ouvidas pelas crianças em todas as escolas, ouvidas pelos famintos. Não esqueça jamais o povo trabalhador da Rússia que o Canadá regorija de produtos, que há imensas reservas de cereais sem destino nos Estados Unidos, que se aquecem locomotivas com milho na Argentina, no momento em que vinte e cinco milhões de criaturas humanas morrem de fome na região do Volga.

O mundo capitalista que, podendo salvar, assim deixa morrer milhões de criaturas humanas, esse mundo deve ser destruído.

Da Pravda.

K. RADEK

Noites agradáveis, noites de prazer só no COLISEU DOS RECREIOS

Duplicidade policial

O dr. sr. Barbosa Viana mantém a prisão de dois operários cuja inocência reconhecera

A explosão no consulado americano foi justificada pela versão oficial, como sendo um eco do protesto universal da condenação iníqua dos camaradas italianos Sacco e Vanzetti.

De facto os anarquistas Sacco e Vanzetti sofreram uma condenação por delicto que nunca praticaram.

O protesto que teve a expressão violenta em explosões em quase todos os países, não se teria dado se na América se não tentasse cometer essa espantosa iniquidade. Porém, esses dois camaradas vão ser novamente julgados e possivelmente absolvidos.

David de Carvalho e Amaro Pereira estão presos no Limoeiro sob a acusação de terem intervenido no atentado ao consulado americano. Essa acusação é falsa, falsíssima.

Todos sabem que o dr. sr. Barbosa Viana, autor desta tremenda iniquidade, não acredita na culpabilidade dos dois operários e que chegou a afirmar à comissão pró-presos que eles estavam inocentes.

TEATRO SÃO LUIS

Companhia de operários ARMANDO VASCONCELOS

A qual faz parte a actriz AUSENDA POLIVEIRA

O mais belo espectáculo

A DUQUESA

BAL TABARIN

Protagonista — Auzenda d'Oliveira

Outros papéis de destaque por Aldina de Sousa, Sofia Santos, Carlos Viana, Fernando Pereira, Armando Vasconcelos, Sebastião Ribeiro, etc.

Brihante encenação

Deslumbrantes cenários

Interesses de classe

Pelos Hospitais

Agora que a Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis, conjuntamente com as outras classes do Funcionalismo Público, vai apresentar ao governo reclamações várias, entre as quais uma em que se pede que se cumpra o determinado na lei 1.044, que determina que as subvenções diferenciais oscilem semestralmente conforme o custo da vida, pelo que já as deviam ter aumentado em Janeiro e Junho deste ano, acho oportuno apresentar a todos os camaradas e ao governo a situação da maioria do pessoal dos hospitais e o que dessa situação advém para os doentes, apresentando para exemplo a minha, que não é das piores, porque sou dos que fazem a felicidade de possuir só um filho.

Vamos a números, que valem mais do que as palavras. Eu, funcionário público, fazendo serviço nas enfermarias dos hospitais de Lisboa, recebo no fim de cada mês 120\$000, para o que devo trabalhar por semana unicamente 83 horas e meia, que, dividindo por 6 dias, dá-se as contas não faltam, 14 horas menos 5 minutos por dia, do que resulta, para o Estado, autoridade moral para fazer cumprir a lei das 8 horas de trabalho aos particulares; para o pessoal um tal excesso de descanso que se entuberculiza e não precisa de chegar a velhos porque a morte vem cedo, e para o doente um tratamento e vigilância cuidadosos, porque o enfermeiro que o trata tem o descanso necessário para ser paciente, atento e tolerante.

E o ordenado? Conto e vinte escudos: Que hei-de eu fazer a tanto dinheiro? A minha casa, que consta simplesmente de um quarto do qual sou obrigado a fazer dormitório para 3 pessoas, sala de jantar, casa de banho, refreito, etc., custa-me 20\$000 por mês e para um peido-almoço e idêntico jantar gastei, para a média dos últimos 3 meses, 140 escudos mensais. Tive, pois, um déficit de 120\$000 que cobri com roupas que me deviam cobrir, e que foram para o Monte da Piedade. Durante esse tempo não gastei em vestuário, medicamentos, transportes, livros, jornais, etc., e a continuar assim não se admitem de me verem como Adão andava no Paraíso e mais estúpido do que sou hoje. O Estado a isso me obriga.

Para não roubar mais espaço ao jornal, não farei comentários à situação do pessoal dos hospitais e dos doentes a seu cargo, limitando-me a perguntar ao governo se os doentes que, para se verem devidamente tratados já muitas vezes tem de pagar a alimentação, os medicamentos e o mais que os hospitais não lhes fornecem com a devida suficiência, devem de futuro passar a pagar os seus enfermeiros. E como vão fazendo em parte?

As providências que o Estado dará a estas e outras reclamações semelhantes já eu sei quais são. Aumentar as regras aos soldados e oficiais da G. N. R., construção de quartéis em vez de hospitais ou fazer dos hospitais quartéis, como fez com o hospital de Campolide. Material hospitalar, melhoria ao pessoal dos hospitais, hospitais que tanta falta fazem, isso fica para depois. Não servem para manter a ordem pública.

Continuarei.

R. S.

Um negocio rendoso

Na rua da Alameda, no 1.º andar do prédio n.º 61, vivem 13 famílias em diferentes quartos. A sub-locação, que se chama Maria Joaquina Miranda, paga mensalmente por esse andar 60\$000, o aumento que a senhoria lhe acaba de fazer, mas exige dos inquilinos 15\$000, tendo, portanto, um lucro líquido de 93\$000! Aquela sub-locação não vive na casa, tendo-a por sua conta simplesmente para explorar os inquilinos que tem a infelicidade de lhe cair nas garras.

O procurador da cidade sub-locação, António Taborda Taborda, comunicou aos inquilinos que, se não concordassem com o novo aumento que lhes impõe, iria passar a casa.

E estamos à mercê destas criaturas que só estão bem explorando o próximo.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N.º 3.º de Lisboa. Reunidos os corpos gerentes, foi ouvido um delegado da F. J. S., que apresentou o parecer da Federação acerca do desenvolvimento deste movimento, aceitando-se, integralmente, as suas conclusões e resolvendo-se que, até à próxima assembleia, os corpos gerentes se considerem demissionários.

Em atenção à circular n.º 6, resolveu-se editar um manifesto-convite e promover um sessão onde será verberada a atitude das classes como vadoras, que, numa terrível inconsciência da sua situação periclitante, prometem esmagar-nos.

TEATRO SALÃO FOZ

Companhia OTELO DE CARVALHO

Continuam as encenações

BICHINHA GATA...

QUINTA-FEIRA: RECITAS DA MODA

Vida Sindical

Federação do Livro e do Jornal. Reuniram-se o secretário, sendo-lhe presente pelo seu delegado a comissão pró-casas dos trabalhadores, o pedido de demissão do secretário e a lista dos contribuintes gráficos pró-Casa dos Trabalhadores que soma a importância de 95\$015, podendo ser consultada todas as sextas-feiras das 21 às 23 horas. Foi apreendido um ofício da Federação Gráfica de Buenos Aires (Argentina) em que aquele organismo nos faz ciência da grande crise de trabalho que assola a indústria gráfica daquela região, motivo porque é muito prejudicial a emigração de gráficos para ali. Foi recebida uma circular da C. G. T. que versa sobre a adopção de uma folha suplementar nas cadernetas federais para o ano de 1922, sendo remetido um specimen com um ofício explicativo de todos os organismos aderentes. Entre outros assuntos o secretário apreciou e tornou público o seu veemente protesto contra a tentativa de extradição alemã da camarada André Nuss e seus companheiros, apreciando a organização espanhola os protestos da sua solidariedade.

Também apreciou o estado da situação económica e moral do país resultando de uma tentativa de reacção conservadora clerical e burguesa, que pretende corromper e aniquilar os restantes exploradores do povo.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado, Couros e Peles. Para continuação dos trabalhos pendentes da última sessão, reúne hoje o conselho federal, pelas 20 e meia horas, com a competência da comissão de demissão.

Federação da Construção Civil. Conselho Federal. Reúne hoje, pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Sindicato U. da Construção Civil. Secção Profissional dos Estudantes. Conforme resolução da plenária assembleia, convidam-se todos os militantes da classe a reunir hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos que se prendem com a assembleia geral que se efectua na próxima quinta-feira.

Comissão Administrativa da sede. Convidam-se os camaradas membros da última assembleia geral, para virem tomar conta dos cargos.

N.º 2.º do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional. Reúne hoje, às 20 horas, os corpos gerentes para continuarem tratando do projecto de alterações ao Estatuto.

Na Sociedade

«A Voz do Operário»

Fômos procurados por uma comissão de sócios da Sociedade «A Voz do Operário», que tem os seus filhos a frequentar a escola n.º 1 da mesma Sociedade, na própria sede, que se nos queixaram amargamente do desleixo porque ali correm as questões do ensino. Na comissão vinham alguns camaradas nossos, que nos disseram estar no firme propósito de retirar os seus filhos da alçada escolar, e de deixarem de ser sócios, se não se adoptarem providências imediatas.

O caso, pela forma como nos foi narrado, e por informações depois colhidas resume-se no seguinte, que passamos a expôr.

A escola do Largo do Outeirinho da Amendoeira tinha como professor um cavalheiro, que tendo edocido, deixou de ir à aula, deixando os alunos de dar lição. A doença prolongou-se, e a situação também.

O professor acabou por falecer, e depois, primeiro que o lugar fosse provido decorreram alguns meses. Concorreram alguns professores, de reconhecida competência; mas como havia desejo de prover no lugar um protegido da direcção, tudo se fez nesse sentido, alterando as horas da aula e recorrendo a outros expedientes, que deram em resultado sempre o lugar ser provido no tal indivíduo, que, segundo informações colhidas, nem professor é. Dá-se, porém, o seguinte caso, realmente edificante: O pseudo professor é empregado público ou em qualquer companhia, de forma que, ou há de estar no seu emprego, ou na aula.

Mas como se trata simplesmente de receber o dinheiro, embora os serviços da instrução sofram enormemente com este descalabro, adoptou-se o seguinte processo: o professor tem horas para almocar, manda, por um ajudante da Voz, buscar o almoço para a Sociedade, e ali almoça, dando depois uma hora, ou meia hora, de escola. Em seguida retira-se, e os rapazes, à solta, jogam o sôco, dão cabriolas. Alguns já cortam o nogordio, não indo às aulas e fazendo sucessivas faltas. Isto nos dias em que o pseudo professor não resolve o assunto dum forma melhor, não comparando na escola, o que sucede amiudadas vezes.

Mas, perguntamos alguns indivíduos: — Não tem a Voz um fiscal escolar? Tem, inevitavelmente. Mas como o fiscal é pai do professor em questão, claro que nada fiscaliza e antes cobra com o manto da indulgência este enorme escândalo, que faz com que se gastem centenas e centenas de escudos com uma escola, que não presta à instrução o mais pequeno benefício.

Eden-Teatro

Companhia Nascimento Fernandes

O Gregório! O Gregório!

Acção da cigana por J. J. de Sousa

O maxixe por Elton Santos e José Moraes

NUMEROS NOVOS da querida revista

PAUL DE DOIS BICOS

Preços: Camarotes... 75\$00

Fauteuils... 15\$00

Popular... 3\$00

Últimas notícias

Mário Domingues

Foi ontem preso em Santarém, após a realização duma conferência, sendo pouco depois restituído à liberdade.

Por comunicação telegráfica recebida esta madrugada, soube que o nosso camarada de redacção Mário Domingues, que se encontra há dias em Santarém, foi ontem à noite ali preso, no final de uma conferência que realizou na Associação de Classe dos Empregados no Comércio.

Alguns tempo depois foi posto em liberdade, após umas explicações com o comissário de polícia, sr. João de Sousa Machado, que disse ter sido a prisão efectuada por equívoco e baseada numa denúncia falsa feita por criaturas embriagadas.

O comissário de polícia tratou amavelmente aquele nosso camarada de trabalho, pedindo-lhe desculpa do sucedido.

Câmara Municipal de Lisboa

Sob a presidência do sr. Agostinho Estrela, reuniu-se ontem à noite, em sessão ordinária, a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Foram lidos bastantes processos enviados pela comissão executiva em conformidade com resoluções por esta tomadas em suas sessões e já do conhecimento público.

A Câmara, por unanimidade, aprovou uma proposta do sr. Rodrigues Simões para se adquirir a obra de escultura «O Adamastor», cuja aquisição já foi resolvida condicionadamente em sessão de 25 de Maio último. A escultura, que é do artista Júlio Vaz, terá tamanho duplo da respectiva «mãe».

Por fim continuou a discussão já tabuada em termos acerca dum pedido da Sociedade da Cruz Vermelha, para venda em hasta pública de um terreno na Avenida 5 de Outubro.

O assunto não ficou liquidado, devendo continuar a ser discutido na próxima sessão.

Mutualismo e cooperativismo

Reuniu no dia 19 a assembleia geral, resolvendo-se fazer a segunda emissão de acções para o capital social da Cooperativa de 100 còsses. Mas resolveu avisar todos os sócios da Associação para se inscreverem como sócios da Cooperativa até ao fim do ano corrente. Passando desta decisão sujeitos ao pagamento de 30 % do valor de cada acção para a Caixa de Socorros e Pensões da mesma Cooperativa.

Fim do desastre na Escola Machado de Castro

Realizou-se no domingo, pelas 14 e 30 horas, saindo da Morgue para o cemitério dos Prasers, o funeral do camarada António Cândido Antunes, com um numeroso acompanhamento de camaradas e amigos, predominando em grande número o elemento feminino.







EFFECTUO O SEU SEGURO DE VIDA

— NA —

## GARANTIA

Companhia de Seguros que tem 68 anos de existência, pois foi fundada em 1853

Todas as combinações de seguros sobre vida humana e os interessantes e vantajosos seguros FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e misto de capital duplo que duplica o capital no caso de sobrevivência. Prestam-se todas as informações na Agência em Lisboa: Casa Bancária — JOSE HENRIQUES TOTTA, Lda —

## Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão; e pressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;  
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque as defende de contagiosos perigosos;  
3.º São usadas pelas pessoas etosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permitem-lhes sons reparadores seguidos;  
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

## O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro gástrico;  
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;  
7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo amena o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, anginas, etc.

## Há conveniência em engulir o fumo

## PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos  
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª**  
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Ninguém segure prédios ou mobílias contra incêndio, sem consultar



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7  
SEDE EM LISBOA — DELEGACÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortíssimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRÊNCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRÉGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

● AGENCIAS EM TODO O PAIS ●

## COLEGIO VASCO DA GAMA

TRAVESSA DAS FREIRAS  
(a Arroios), n.º 2  
Telefone Norte 2145

O collegio mais bem situado de Lisboa — Pleno ar de campo, junto às avenidas novas — Campo de equitação, recreios e jogos — Óptima alimentação — Educação esmerada

TODOS OS ALUNOS das diversas classes do curso dos liceus e do curso comercial, propostos pelo conselho escolar do collegio e exame, no ano escolar findo, FICARAM APROVADOS, obtendo alguns elevadas classificações. Com uma única excepção, TODOS OS ALUNOS do curso primário, apresentados a exame de admissão aos liceus, FICARAM APROVADOS, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo um delas a classificação de distinto com direito ao premio Modulo. As aulas abriram no dia 17 de Outubro, com a solenidade da distribuição de premios, e na mesma occasião foram inauguradas as amplas instalações do novo edificio construido em harmonia com as exigencias da pedagogia moderna.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos

Pedir esclarecimentos aos

Directores (Dr. Antonio Manuel da Silva Pinto de Abreu

e Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto de Abreu)

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

## GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

## ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

## Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)



Calçado bom, bem feito e barato

## Sapataria S. Roque

Esta casa apesar das constantes subidas mantém os seguintes preços:

Botas de verniz. . . 26\$00

Botas de verniz, cano de camurça. . . 25\$50

Botas de calf, cor, forma moderna. . . 26\$50

Botas em calf, preto, 2 solas. . . 22\$00

## GRANDES PECHINCHAS

Botas em calf, cor, de 1.ª que noutras

casas se vendem a 50\$00 28\$50

Botas de vitela branca. . . 13\$75

Sapatos para senhora em calf verniz

e veludo desde. . . 11\$00

Calçado de luxo em todos os géneros

por preços convidativos

Vendas por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos

Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da

Cooperativa dos Empregados do «Diário

de Notícias».

Queiroz L. da

L. Trindade Coelho, 17

(antigo L. de S. Roque)

## ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55. (Tabacaria do isqueiro á porta).

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico? Leva-o ao

33 de S.º André  
actualmente  
Largo Rodrigues de Freitas, 33  
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO E OURIVES  
DE  
ALVES D'ANDRADE, L.ª

EMILIO TROISE  
Capacidade revolucionária de la classe obrera — Sindicato y Partido.

Custo deste folheto, em lingua espanhola \$20. Pelo correio \$23.

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A BATALHA

Serviço de Livraria  
DE  
A BATALHA

Instrução profissional  
Elementos gerais

Obras a 35\$0 encadernadas:  
Algebra elemental — arithmetica practica — desenho linear geometrico — de fisica — de mecanica — de modelação, ornato e figura, de projecções — de quimica — Escrita e Comprehensão de Portuguez — Geometria Plana e no Espaço.

Mecânica  
Desenho de máquinas. 76\$0 — Materiais Agricolas. 36\$0 — Nomenclatura de máquinas e cadeiras. 36\$0 — Problemas de máquinas. — 56\$0.

Construção Civil  
Obras a 35\$0 encadernadas:  
Acabamentos das Construções — Alvenaria e Cantaria — Edificações — Encanamentos e salubridade das habitações — Materiais de construção — Terraplenagem e alcaceres — Trabalhos e Carpintaria Civil — Trabalhos de Serralharia Civil.

Manuais de officios  
Obras encadernadas:  
Condição de máquinas. 44\$0 — Electricista 56\$0 — Fabricantes de tecidos 36\$0 — Ferreiro 36\$0 — Fogueiro 36\$0 — Formador e Estecedor 36\$0 — Fundidor 44\$0 — Galvanoplastia. 44\$0 — Motora de Explosão. 44\$0 — Navanteiro 44\$0 — Pintagem. 44\$0 — Sapateiro. 44\$0 — Serralheiro Mecânico. 44\$0 — Torneiro Mecânico 44\$0 — Industria Alimentar 36\$0 — Industria Cerâmica 36\$0.

Além das obras que annunciamos, satisfazem-se todas as encomendas que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte de correio e mais \$10 para registro. Não se enviam livros á cobrança pelo correio.

A PROPOSITO  
— DO —  
DEBATE DE OPINIÕES  
A Ditadura do

Proletariado  
de CARLOS RATES  
— Preço 40 centavos —  
Pedidos á administração  
do SERVIÇO de A BATALHA

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

## Valério, Lopes &amp; C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478 gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.  
Carros, vagonetas e todos os pertences de material — Decauville.

22, largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7

## LISBOA

## Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima. — Educação e ensino. . . 1800	Jaime Cortesão. — Adão e Eva (teatro). . . 2400
Alfred Binet. — A alma e o corpo. . . 2400	Jean Orliet. — A vida do direito. . . 2400
Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social). . . 800	Laissant. — Introdução matemática. . . 2400
Benedetti. — Arte de estudar. . . 1800	Le Bon. — Evolução geral da vida. . . 600
Benedetti. — Crisção e vida. . . 800	Manuel Ribeiro: . . .
Brussel. — A vida social. . . 2400	A Catedral. . . 2400
Clemence Jacquinet. — História Universal (2 vol.). . . 4800	Imperiosa verdade do facho hermo. . . 2400
Colson: . . .	O sentido de viver (versão). . . 1800
Organismo económico e desordem social. . . 2400	Mirbeau: . . .
Dante: . . .	O Jardim dos Suplícios. . . 1800
A sciência e a vida. . . 2400	Memórias duma criada de quarto. . . 360
Mecânica da vida. . . 1800	Neno Vasco. — O Pecado de Simônia. . . 600
Dastre. — A vida e a morte. . . 2400	Toisot. — Sonata de Kreutzer. . . 1800
Ernesto da Silva. — Teatro livre e arte social. . . 800	Vitor Hugo: . . .
Faguet: . . .	France e Belgica (2 v.). . . 3600
Inicição literária. . . 3600	Hm d'Islandia (2 vol.). . . 360
Arte de ler. . . 1800	Novena e três (2 vol.). . . 360
Horror das responsabilidades. . . 1800	O homem que ri (3 vol.). . . 4800
Fiamaron: . . .	O Reno (3 v.). . . 4800
Inicição astronómica. . . 2400	O ultimo dia de um condenado. . . 1800
A.1 onomia popular. . . 800	Zola: . . .
Curiosidades astronómicas. . . 800	Alegria de viver (2 vol.). . . 3600
Gorki: . . .	A conquista de Plassans (2 vol.). . . 540
Os degenerados. . . 1800	A fortuna duma criada de quarto. . . 360
Os vagabundos. . . 1800	O sr. ministro. . . 1800
Scenas de familia (teatro). . . 1800	A taberna (3 v.). . . 4800
Ibsen. — Os espectros (teatro). . . 1800	Paraiso das Damas (2 vol.). . . 3600
	Torça Requim. . . 1800
	Reinach. — História das religiões. . . 800
	M. Pierron. — História da vida. . . 1800
	Toulousse. — Como se deve educar o espirito. . . 2400

## SAIDAL

É o agente unico capaz de transformar esta sociedade raquítica e solidora em sociedade forte e feliz, porque é o unico ideal (hoje tem perigo de nem deitarem a infeliz raquica, além da sua acção quimica, e o unico que tem a acção moral, e a acção física hermo e o numero exagerado de filhos que se não podem bem criar e educar, e indirectamente com o alcoolismo, a tísica, a sífilis, etc., etc., evitando-lhe os descendentes.

Cura intimamente as purgações, por mais antigas, em ambos os sexos

FARMÁCIA CABRAL, Suc.ªs — Pampilha — Lisboa

## Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come. . . 400	Sindicalismo e Parlamentarismo. . . 800
Adolfo Teófilo. — O estado dos povos. . . 2400	Os bastidores da guerra. . . 800
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres. . . 400	Laquelle: . . .
Brasão Teles. — O estado dos povos. . . 120	Sindicalismo e Socialismo. . . 800
Briand. — A greve geral. . . 120	Landauer: . . .
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal. . . 400	A Social Democracia na Alemanha. . . 800
Carlos Rates. — A ditadura do Proletariado. . . 400	Leone. O Sindicalismo. . . 1800
Casimiro de Moura. — A mulher e a civilização. . . 1600	M. Pierron. — Sindicalismo e Revolução. . . 800
Cesar dos Santos. — A questão operária e o sindicalismo. . . 800	Malatesta: . . .
Charles Albert. — A guerra. . . 1800	A politica parlamentar no movimento socialista. . . 800
Content. — Contra o confusionalismo. . . 800	O programa socialista-anarquista revolucionário. . . 800
Delisle. — Os financeiros, os politicos e a guerra. . . 800	Entre camponeses. . . 800
Domela Nieuwenhuis. — Pátria e Humanidade. . . 800	No café. . . 120
Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.). . . 2400	Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. . . 800
Emilio Costa. — Acção directa e acção indirecta. . . 800	Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. . . 800
Fraser. — A Rússia vermelha. . . 2400	Naquet. — A caminha da unidade. . . 1800
Fabra Ribas. — O socialismo e o conflito europeu. . . 800	Naquet. — A caminha da unidade. . . 1800
Giffuelles. — A acção sindical. . . 800	Nietzsche: . . .
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas. . . 1800	Anti-Cristo. . . 1800
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas. . . 1800	Genealogia da moral. . . 1800
Hamon: . . .	Novicov. — A emancipação da mulher. . . 1800
A conferência da Paz e a sua obra. . . 1800	Patat e Pouget. — Como faremos a revolução. . . 1800
As lições da guerra mundial. . . 2400	Perfido de Carvalho. — Notas e comentários. . . 800
O movimento operário na Gran-Bretanha. . . 1800	Pouget: . . .
Psicologia do militar profissional. . . 1800	A Confederação Geral do Trabalho. . . 800
Psicologia do socialista-anarquista. . . 1800	Prat: . . .
A Crise do Socialismo. . . 800	Necessidade da associação. . . 800
Henriete Roland. — A Rússia nova. . . 120	Ricardo Mella: . . .
Jean Gravi: . . .	O principio do fim. . . 800
A Anarquia-Fins e meios. . . 2400	Rossi. — A sugestão e as multidões. . . 800
A Sociedade Futura. . . 1800	Russurano. — A escravidão social da mulher. . . 800
O individual e a sociedade. . . 1800	Santos. — A transformação da sociedade pelo sindicalismo. . . 1800
José Carlos de Sousa. — A propriedade privada. . . 800	Toisot: . . .
José T. Lorenzo. — Maximalismo e Anarquismo. . . 800	O canto do cisne. . . 1800
José Guesde. — A lei dos salarios. . . 120	Ultimas palavras. . . 2400
Krapotkine: . . .	Um aereo. . . 800
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal. . . 800	Tragty. — Constituição politica da republica dos Sovietes. . . 120
A Grande Revolução (2 vol.). . . 2400	Um de nós: . . .
A moral anarquista. . . 120	A caninha. . . 800

## A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.

PREÇO \$40

## Nicolau Gomes Correia



Acaba de receber um grande sortido de cheviotes generosíssimos, estambres, casimiras e alpacas a preços sem competencia. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parashoracacas. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARALFAITES

Rua dos Fanqueiros, 255

## Gama

GRANDE VARIEDADE DE

BILHETES, FRACÇÕES e CAUTELAS para todas as

LOTÉRIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$15 para registro

Fornecer para revender

TELEFONE: 1.020 — Central

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

## A grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora

1\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas calf-preto grandes e salo

21\$00

Botas calf-preto com duas solas

22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem

17\$00

Grande saldo de botas brancas

16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Dr. ARDISON FERREIRA

## DOENÇAS SECRETAS

Preço 1\$50 — Pelo correio, registado, 1\$70

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A BATALHA.

Canções sociais

Do concurso promovido pela Juventude Sindicalista do Porto

Preço \$25. Pelo correio \$28

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A BATALHA.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

## Renascença Lusitana

Mesa da Assembleia Geral

Convoca a assembleia geral ordinária a reunir no dia 24 do corrente, pelas 20 horas, na sede provisória, rua de S. Caeetano, 18, res-do-chão, a fim de se proceder á eleição dos corpos gerentes que devem funcionar em 1922, e proceder em seguida, em assembléa geral extraordinária, á apresentação e votação de propostas da direcção.

Não havendo numero legal de sócios para aquelas assembleas poderem funcionar, ficam as mesmas desde já convocadas pela mesma ordem para igual hora do dia 5 de Dezembro p. t., no mesmo local.

Lisboa, 15 de Novembro de 1921. — Pelo presidente da mesa, o Eduardo Rodrigues Castela, 1.º secretario.

## A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

Alegorias sociais

Publicadas pelo nosso collegio A Comuna, do Porto, nos seus numeros do 1.º de Maio de 1920 e 1921 em separata e em bom papel couchet, encontram-se á venda na administração de A Batalha, ao preço de \$25 e \$30.

São umas belas alegorias para emoldurar e figurarem nas salas das associações operárias. Para a provincia e estrangeiro acesse o porto do correio.

4.º additamento á Tarifa de despesas accessorias

Imposto de selo

Em harmonia com a Tabela de Imposto de Selo anexa ao decreto n.º 7.772, de 3 de Novembro de 1921, as taxas de imposto de selo constantes no art. 3.º da Tarifa de Despesas Accessorias, em vigor desde Março de 1920, são modificadas como a seguir se indica:

1.º — Em cada bilhete simples para um id passageiro: A — De preço não inferior a \$3 nem superior a \$4, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, \$0, B — De preço superior a \$4, 1.ª classe, \$0, 2.ª classe, \$0, 3.ª classe, \$0. C — A assinatura por prazo não superior a um ano, 1.ª classe, \$0, 2.ª classe, \$0, 3.ª classe, \$0.

2.º — Nas lhibas que temem só duas classes applica-se a superior a taxa relativa á 1.ª classe e a inferior a relativa á 3.ª classe.

3.º — Em cada guia de bagagem ou documento que substitua essa guia, \$0. Quando utilizada para efeitos a que não correspondam a designação de «bagagem», ficam estas guias sujeitas, relativamente ao imposto de selo, á taxa do n.º 6 deste artigo.

4.º — Em cada guia ou bilhete de cines, \$0.

5.º — Em cada guia de expedição a preço reduzido, de um só volume de peso não superior a 10 grammos, \$0.

6